



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

“O DIÁRIO DE BRIDGET JONES”: GÊNERO E NORMATIZAÇÃO DO CORPO FEMININO EM UM ROMANCE “CHICK-LIT”

Jaqueline Sant’ana Martins dos Santos

Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro
(PPGSA/UFRJ)

Resumo

Este artigo pretende analisar construções relacionadas a gênero e normatização do corpo feminino no livro “O Diário de Bridget Jones”, considerado o maior expoente de uma categoria de romances contemporâneos denominada “chick-lit”. Caracterizados como romances escritos *por e para* mulheres, estes livros abordam questões relativas a um dito “cotidiano feminino” marcado por dilemas profissionais, afetivos, familiares e sexuais. Considerando a relação entre o gênero feminino e a literatura, pretendo apontar ambiguidades, avanços e permanências na construção de representações de gênero em romances sentimentais e “chick-lit”. Além disso, à luz de uma reflexão acerca do indivíduo contemporâneo, buscaremos discutir a centralidade do corpo e dos cuidados estéticos nas páginas de um dos romances femininos mais populares do final do século XX.

Palavras-chave: Literatura, Romances Femininos, Chick-Lit, Gênero, Corpo.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

- **Introdução**

Este artigo deriva das minhas primeiras investigações relacionadas ao estudo das representações de gênero em romances “*chick-lit*”, tema da minha dissertação de mestrado Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGSA/UFRJ). Neste artigo, busco analisar construções relativas à representação de gênero e a normatização do corpo feminino contidas no romance “O Diário de Bridget Jones”, obra da escritora inglesa Helen Fielding. Como ferramenta metodológica, me valho de uma leitura crítica da obra, além de uma revisão bibliográfica sobre o tema. Desenvolvo minha argumentação contrastando as representações de gênero contidas nos romances sentimentais femininos que marcaram as primeiras décadas do século XX e aquelas contidas no livro em questão, escolhido para esta ocasião por ser considerado o pioneiro da categoria “*chick-lit*” segundo estudiosos da área. A prévia leitura de diversas obras identificadas como “*chick-lit*” permitiu que eu levantasse a hipótese de que as representações de gênero que permeiam estas obras não devem ser vistas como uma ruptura de paradigmas, mas como uma continuidade marcada por ambiguidades, permanências e entraves entre distintas prescrições de gênero – das mais rígidas às mais fluidas. Desenvolvo também uma breve reflexão acerca da centralidade do corpo e dos cuidados estéticos, temas centrais nos romances “*chick-lit*”, na formação de uma dita “identidade feminina”.

- **“Chick-lit”, a literatura de mulherzinha**

Traduzido livremente no Brasil como “literatura de mulherzinha”, o termo “*chick-lit*” surgiu nos Estados Unidos em 1988 como um eufemismo para o curso de Tradição Literária Feminina [Female Literary Tradition] da Universidade de Princeton e diz respeito a livros que abordam as questões da chamada “mulher moderna”. O site brasileiro “Lost in Chick-Lit”¹ define este nicho da seguinte forma:

Chick-Lit é a literatura voltada para o sexo feminino, vulgarmente chamada de "Literatura de Mulherzinha". A despeito de todas as

¹ Criado em 2008 por Julianna Steffens, uma geógrafa de 28 anos que reside em Florianópolis (SC), este site pode ser considerado o maior expoente da categoria na chamada “blogosfera” brasileira. Sua seção “O que é *chick-lit*” oferece uma definição que é recorrentemente utilizada por outros sites e blogs dedicados à literatura feminina, assim como a página da Wikipédia brasileira dedicada ao verbete “*chick-lit*”.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

críticas, *Chick-Lits* são romances leves, divertidos e charmosos, que são o retrato da mulher moderna, independente, culta e audaciosa. É um gênero que faz parte da literatura voltada para o entretenimento, cujo objetivo principal é divertir².

Os romances "chick-lit" são escritos *por e para* mulheres e possuem temática variada, indo de desilusões amorosas e problemas profissionais até casos de depressão, dependência química e luto. Algumas características, porém, emergem nas obras de maior destaque desta categoria: além do fato de que todas as protagonistas e narradoras serem mulheres, estas personagens descritas como mulheres "modernas" invariavelmente residem em grandes centros urbanos, trabalham, mantêm uma vida sexual ativa e possuem um grau considerável de educação formalizada (escolas profissionais, técnicas ou faculdades). Dentre os principais títulos destes romances que circulam nos meios de comunicação (revistas, sites, televisão), recortes de classe social, geração e raça nos permitem caracterizar suas protagonistas como mulheres brancas, em idade reprodutiva e de classe média que vivem e circulam em grandes centros urbanos. Títulos como "Sex and the City" (de Candace Bushnell), "Os Delírios de Consumo de Becky Bloom" (de Sophie Kinsella), "Melancia" (de Marian Keyes) e "O Diabo Veste Prada" (de Lauren Weisberger) podem ser citados como exemplos de romances "chick-lit".

A categoria "chick-lit" se insere em uma longa trajetória intelectual que associa o gênero literário romance e as mulheres. Segundo Cunha (1999), a associação mulher/romance, firmada ao longo do século XVIII, estaria ligada ao Romantismo, um movimento artístico-cultural marcado pelas emoções e liberdades pessoais, pela subjetividade e pela idealização da mulher. Estas temáticas teriam sido incorporadas pelo romance, que passa então a ser o "veículo de uma nova sensibilidade que vai privilegiar o individualismo, a busca de ascensão social, a particularidade", criando assim "uma linguagem predisposta à aceitação do prosaico, do cotidiano" (pg. 26). Watt (2010) aponta que o interesse do romancista pelas pessoas comuns é fruto de um processo de individualização que se concretizou apenas no século XIX, com uma organização política e econômica que oferecia

² <http://www.lostinchicklit.com.br/p/o-que-e-chick-lit.html> Acesso em 14 de Abril de 2015.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

um amplo leque de escolhas e “de uma ideologia baseada não na tradição do passado, mas na autonomia do indivíduo, sem levar em conta status social ou capacidade pessoal” (pg. 63). A valorização das relações emocionais entre homens e mulheres, assim como a existência de uma variedade de trajetórias e crenças que torna interessante o relato detalhado do cotidiano de uma pessoa para outras, é parte fundamental deste processo.

No Brasil, o “chick-lit” surge nos anos 2000 na esteira dos romances femininos denominados *romances sentimentais*, que tiveram como marco a publicação das Coleções Verde, Rosa e Azul. A mais conhecida do público, com quase 180 títulos, foi a coletânea Verde, denominada “Biblioteca das Moças”. Publicados pela editora Companhia Editora Nacional a partir da década de 1930, esta coletânea foi publicada até 1960, com uma tentativa de retorno nos anos 80. Os romances sentimentais eram caracterizados por enredos simples e finais felizes e narravam a jornada romântica de um homem e uma mulher de classes sociais distintas que se apaixonam e devem vencer obstáculos para conseguir viver seu amor, culminando no matrimônio. Nestas obras, os papéis de gênero são muito bem marcados, cabendo à mulher a esfera doméstica, o cuidado do lar, das crianças e dos inválidos, e ao homem o sustento da casa, as profissões de destaque e a vida pública. As representações de gênero são polarizadas entre delicadeza e brutalidade, feminilidade e virilidade, fraqueza e força, sensibilidade e resiliência, com mocinhas esbeltas e frágeis que derramam copiosas lágrimas e sofrem muitas injustiças para conquistar o afeto da pessoa amado, geralmente um homem insensível, viril e arrogante devido ao seu status social elevado que tem seus defeitos aplacados pelo afeto transformador demonstrado pela protagonista da história.

O conteúdo destas obras sentimentais no século XVIII, segundo Meyer (1993), “está a serviço de alguns temas recorrentes: educação, criação de filhos, (...), pesado destino da mulher casada, drama das solteironas, sofrimento das governantas, necessidade de princípios (Jane Eyre), expectativas e imprescindível virtude das mocinhas casadoiras” (pgs. 60-61). Meirelles (2008) defende que “os interesses de classe embutidos nas temáticas dos romances e nos modos característicos como estas são nelas tratadas são todos tópicos relacionados ao que



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

viria a ser definido como universo da mulher na sociedade burguesa, bem como a funcionalidade de sua posição na ordem familiar da época” (pgs. 57-58).

Figura 1 – Capas dos livros “O Diário de Bridget Jones” e “Bridget Jones: no Limite da Razão”, publicados no Brasil pela Editora Record³



De autoria da escritora inglesa Helen Fielding, “O Diário de Bridget Jones” (“*Bridget Jones’s Diary*”, no original) foi originalmente publicado na Inglaterra em 1996 e logo se configurou como um fenômeno de vendas no mundo inteiro. Sua continuação, intitulada “Bridget Jones: No limite da razão” (“*Bridget Jones: The Edge of Reason*”, no original), foi lançada em 1999. Em 2010, segundo o jornal inglês *The Independent*, os dois livros da série já haviam vendido mais de 15 milhões de exemplares, sendo traduzidos para mais de 40 países⁴. Em 2013, o terceiro e último volume da série, “*Louca pelo Garoto*” (“*Mad About the Boy*”, no original), foi publicado e causou polêmica entre seus fãs devido ao desfecho trágico de um dos personagens principais. O livro, em forma de diário pessoal, narra o cotidiano de Bridget, uma mulher de 32 anos que vive em uma constante luta para emagrecer e não aguenta mais os questionamentos de amigos e familiares sobre sua condição de mulher solteira. Ela mora sozinha em Londres, trabalha em uma editora e, no início de cada capítulo (correspondente a uma nova entrada em seu diário), marca seu o peso atual e as quantidades

³ Fonte: www.skoob.com.br Acesso em 16 de Abril de 2015.

⁴ www.independent.co.uk/news/people/profiles/helen-fielding-beyond-bridget-582224.html Acesso em 09 de Janeiro de 2014.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

de calorias, cigarros e unidades alcoólicas que consumiu. Apaixonada por Daniel Cleave, seu chefe, ela nutre o hábito de conversar com os amigos mais próximos após o expediente em *pubs*, quando discutem sobre temas atuais, problemas no trabalho, inseguranças pessoais e, principalmente, decepções amorosas. Desprezado pela crítica literária e aclamado pelo mercado editorial como um best-seller mundial, “O Diário de Bridget Jones” pode ser considerado um dos romances femininos mais populares do final do século XX.

Parto do pressuposto de que a prática da leitura de romances não se esgota no seu consumo, mas desdobra-se em práticas de forte impacto social, seja como uma forma de socialização secundária ou o reforço de normas simbólicas, condutas e valores morais. Nos romances sentimentais, “a mulher é consumidora de uma literatura feita por mulheres, mas que relata um mundo onde os homens são objeto de desejo, sinônimo de proteção e ascensão social” (MEIRELLES, 2008, pg. 30). Em uma aparente ruptura com as novelas sentimentais, as protagonistas dos romances “chick-lit” surgem como consumidoras não apenas de bens materiais como carros, apartamentos, roupas e dispositivos tecnológicos, mas também de homens, exercendo sua sexualidade aparentemente sem maiores constrangimentos. Contudo, uma leitura mais atenta, a contrapelo, revela um realinhamento desta “nova autonomia feminina” a padrões relativos a gênero e sexualidade bastante tradicionais, a despeito das conquistas e dos debates feministas suscitados a partir da segunda metade do século XX. A permanência do foco em relacionamentos heteronormativos, o matrimônio como meta e a gravidez como parte da plena realização feminina, além do destaque dado a indústria de moda e beleza, indicam o alinhamento desta nova categoria de romances femininos com a matriz heterossexual (Butler, 2014). Além disso, a disparidade de status profissional e econômico entre Bridget e seu “pretendente ideal”, o reconhecido advogado de Direitos Humanos Mark Darcy, ressalta a desigualdade persistente entre homens e mulheres na contemporaneidade.

Discutindo gênero, feminismo e formas de entretenimento da cultura popular contemporânea, tais como a adaptação cinematográfica do livro “O Diário de Bridget Jones”⁵,

⁵ Longa-metragem estrelado por Renée Zellweger, Colin Firth e Hugh Grant e lançado mundialmente em 2001. A obra ganhou uma continuação em 2004 chamada “Bridget Jones: No Limite da Razão”. Apresentados como “comédias românticas”, os dois filmes geraram mais de 500 milhões de dólares em faturamento. Fonte: <http://tinyurl.com/ntcu4yb> Acesso em 15 de Abril de 2015.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Angela McRobbie (2004) apresenta esta obra como um exemplo do pós-feminismo, conceito que a autora define como um processo onde as conquistas feministas das décadas de 1970 e 80 são ativamente solapadas através de uma reprimenda ao passado feminista enquanto elementos mais “palatáveis” são restabelecidos, como a independência econômica, a liberdade sexual e o direito de beber, fumar, circular e se divertir na cidade (pg. 12). Enquanto personagem ficcional, Bridget Jones foi festejada na ocasião do lançamento do livro como um retrato da mulher independente e “moderna”, que aproveita sua vida de solteira praticando sexo casual, gastando o dinheiro do seu salário como quer e aproveitando a vida em uma metrópole ao lado de seus amigos. Ainda que lute para se encaixar em um padrão estético “aceitável” e sofra com as críticas de familiares e colegas que incessantemente questionam seu estado civil e apontam a urgência de obedecer a seu “relógio biológico” e ter filhos em breve, Bridget pode ser classificada como uma “garota fálica”. Re-estabilizando as relações de gênero, mas passando por cima de uma possível crítica à hegemonia masculina, a figura da garota fálica é definida por McRobbie como uma mulher que adota hábitos tipicamente associados à masculinidade como beber muito, falar palavrão, fumar, praticar sexo casual, etc., “mas sem abrir mão de ser desejável para os homens” (s/n).

- **O Corpo em Foco**

Os estudos relativos ao corpo atravessam as ciências sociais desde suas origens. A centralidade do corpo neste romance feminino fomentou a breve discussão sobre o tema que se segue. Na contemporaneidade, a questão corporal passou a ser amplamente problematizada a partir de análises relativas ao mercado de bens de consumo e aos dispositivos de controle e regulação corporal como os discursos médicos, pedagógicos e psicanalíticos, além das indústrias de moda e beleza que atuam globalmente na disseminação de padrões de beleza através de revistas, campanhas publicitárias, filmes, videoclipes musicais, etc. Segundo Castro (2007),

Os manuais de autoajuda, a mídia e os conselhos dos profissionais em saúde levam os indivíduos a acreditarem em que as imperfeições e



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

defeitos corporais são resultado da negligência e ausência de cuidado de si. Com disciplina e boa vontade, qualquer um poderia alcançar uma aparência mais próxima do padrão de beleza vigente. Àqueles que não o alcançam é reservada a estigmatização, o desprezo e a falta de oportunidades (pg. 76).

Os cuidados corporais e o desejo de uma aparência jovem e magra estão sempre presentes nos romances “chick-lit”, aparecendo como questões centrais para as personagens destas obras e parte essencial da construção de uma identidade feminina. Ser gorda, velha ou ter um corpo com medidas além do que é considerado “aceitável” pelo padrão vigente de beleza se apresenta como um grande problema para as protagonistas uma vez que o corpo se configura como “fator de individuação” (Le Breton, 2011) destas personagens enquanto a representação de um indivíduo contemporâneo. Bridget Jones, pioneira do “chick-lit”, anota no início de cada entrada de seu diário quantas calorias ingeriu no dia, além das unidades alcoólicas e de cigarros que consumiu: “14 unidades alcoólicas, 64 cigarros, 8.400 calorias (MT. B., mas foi errado contá-las. Obsessão de emagrecer mto. ruim), 0 bilhete de loteria instantânea” (FIELDING, 2008, pg. 115).

O cuidado de si, especialmente no que tange à aparência física, é visto como um compromisso que toda mulher deve ter consigo mesma e se desdobra em uma constante luta com um corpo que precisa ser domado, regulado e moldado com práticas diversificadas. A ideia central é a de “fazer algo por você mesmo”, utilizando conhecimentos peritos relativos à cosmética, nutrição e atividades físicas para se autoajudar, adequando-se aos padrões vigentes e sendo vista como uma mulher bonita, jovem e de aparência saudável. Isto supostamente aumentaria seu valor no competitivo mercado afetivo/sexual contemporâneo, marcado pela competitividade entre mulheres sexualmente liberadas no contexto da dissociação entre prazer sexual e reprodução e com amplo acesso aos bens de consumo. Esse raciocínio é exemplificado em “O Diário de Bridget Jones” na fala de uma das personagens que melhor representam as cobranças sociais na vida cotidiana da mulher branca e de classe média, a mãe de Bridget: “Não seja boba, querida – disse ela, ao sair. – Se não fizer alguma coisa em



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

relação à aparência, jamais conseguirá um novo emprego, quanto mais um novo namorado” (FIELDING, 2008, pg. 197).

Aqui podemos observar a importância da imagem corporal na formação de juízos morais acerca do indivíduo. Ser bela ou feia, gorda ou magra, pálida ou bronzeada, funciona como uma espécie de marcador de caráter, indicando o quanto a pessoa é bem sucedida – e isso não apenas no cuidado de si mesmo, mas em diversas outras áreas de sua vida. A questão do cuidado de si mesmo extrapola os limites do corpo, visto aqui não apenas como um organismo, mas como o conjunto de saberes e técnicas de diversos domínios.

Completamente exausta depois de passar o dia todo me preparando para o encontro. *Ser mulher é pior do que ser lavrador – tem tanta coisa para cuidar na plantação e na colheita*: depilar as pernas com cera, raspar axilas, fazer sobrancelhas, passar pedra-pomes nos pés, esfoliar e hidratar a pele, tirar os cravos, pintar a raiz dos cabelos, passar rímel, lixar as unhas, massagear a celulite, exercitar os músculos da barriga. A coisa é tão complexa que basta você esquecer durante uns dias e lá se vai a plantação. Às vezes penso como eu ficaria se deixasse tudo por conta da natureza – barba comprida, bigode de pontas viradas, sobrancelhas grossas, rosto igual a um cemitério, cheio de células mortas, espinhas na pele, unhas longas como as de Morticia Adams, cega como um morcego sem minhas lentes de contato, o corpo flácido balançando. Argh, argh. É de se espantar que as garotas sejam inseguras? (FIELDING, 2008, pg. 37, grifos meus).

Joana de Vilhena Moraes (2006) afirma: “(...) um imaginário corporal vai sendo construído por meio de uma série de qualitativos estéticos que, associados a inúmeros estereótipos morais, formam um julgamento de valor acerca de nossa conduta corporal” (pg. 95). Ana Lúcia de Castro (2007) escreve:

Faça algo por você constitui-se num dos principais imperativos da sociedade atual. A culpa referida pelas entrevistadas é produto da coerção social que leva indivíduos a se cuidarem, se embelezarem, melhorarem suas aparências para melhorar suas performances. Não



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

descuidar da aparência constitui-se num importante item para a boa aceitação social e, nesse sentido, cuidar do corpo torna-se uma forma de coerção social (...). (pg. 79, grifos no original).

A constante vigilância sobre a alimentação e o sentimento de culpa manifesto a cada dia de “derrota” se manifestam, em termos sociológicos, como uma coerção. Extrapolar o consumo de calorias recomendadas, ser fumante e exagerar no consumo de bebidas alcoólicas são percebidos pela protagonista do livro como falhas de caráter, indicando pouca determinação e controle sobre si tanto no plano corporal como mental. O “molde”, a “reinvenção” e a reconstrução de si aparecem sob no romance através das tentativas de criar (em vão) uma nova disposição mental e psicológica através dos conselhos de livros de autoajuda e revistas femininas. Um diferencial dos romances “chick-lit” é o fato de que suas protagonistas são apresentadas ao leitor como mulheres “antenas” – ou seja, com acesso a diversas fontes de conhecimento - e altamente reflexivas, ponderando sobre suas escolhas e traçando estratégias para atingir suas metas pessoais. O livro tem início com as resoluções de Ano Novo de Bridget, que deseja “mudar de vida”: ela deseja parar de fumar, beber menos, economizar dinheiro, ir à academia com regularidade, emagrecer com uma dieta anticelulite e “criar uma relação sólida com um adulto responsável” (FIELDING, 2008, pg. 9). A protagonista assume a influência de sistemas peritos de informação e conhecimento em diversas reflexões:

As pessoas sensatas dirão que Daniel deve gostar de mim do jeito que sou, mas sou uma filha da cultura *Cosmopolitan* [revista feminina], fui traumatizada por supermodelos e todo tipo de testes e sei que nem minha personalidade nem meu corpo darão conta do recado se não forem bem trabalhados. Não aguento a pressão. Vou cancelar o encontro e passar a noite inteira comendo biscoitos metida numa camiseta suja de ovo (pg. 66, grifo no original).



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Em uma conferência na Oxford Union em 2009, a autora Helen Fielding teria dito que sua ideia principal ao escrever “O Diário de Bridget Jones” era ridicularizar a obsessão feminina por um padrão de beleza inalcançável, o que as faria consumir livros de autoajuda e seguir dietas milagrosas, e a necessidade de “ter tudo”⁶. Nesta lógica desenvolvida em um mundo repleto de oportunidades e bens ao alcance das mais diversas consumidoras, “só é feio quem quer”. Isto se relaciona diretamente com o movimento de exploração econômica e ideológica do corpo que Foucault (2003) aponta: “Como resposta à revolta do corpo, encontramos um novo investimento que não tem mais a forma de controle-repressão, mas de controle-estimulação: “Fique nu...mas seja magro, bonito, bronzeado!”” (pg. 147).

- **Conclusão**

Poderíamos dizer que aceitação é tudo o que as protagonistas dos romances “chick-lit” mais desejam, mas isso seria absolutamente simplório. Não podemos ignorar uma importante discussão acerca do papel da mídia e de diversos campos de conhecimento na formação e na promoção de valores sociais. O que percebemos com a leitura de “O Diário de Bridget Jones” é que o cuidado com a aparência, especialmente no que diz respeito à estética, é visto como uma obrigação feminina, ainda que a protagonista aponte inúmeras vezes quão exaustiva é esta missão. Um corpo fora dos padrões, malvestido, gordo, não perfumado ou depilado é visto como uma limitação tanto na vida profissional como no campo afetivo-sexual a despeito de todas as conquistas feministas das últimas décadas.

Concluo que os romances “chick-lit” não apresentam uma completa ruptura em relação às representações polarizadas e essencialistas dos romances sentimentais do século XIX ou dos romances de banca da segunda metade do século XX, que apresentam a diferença sexual entre homens e mulheres como base para papéis de gênero determinados, seguindo uma noção de “sexo como destino”. Contudo, atualizações na organização social e nas representações de gênero são inegáveis, ainda que atenuadas por elementos mais “sutis”, que não se configuram como ameaças diretas às estruturas de poder e regulação social.

⁶ <http://www.telegraph.co.uk/news/uknews/5358817/Helen-Fielding-Bridget-Jones-dilemma-is-a-modern-disease.html>. Acesso em 16 de Abril de 2015.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Referências Bibliográficas

- BUTLER, Judith. Problemas de Gênero. São Paulo: Civilização Brasileira, 2014.
- CASTRO, Ana Lúcia de. Culto ao Corpo e Sociedade – Mídia, estilos de vida e cultura de consumo. 2ª edição. São Paulo: Annablume, São Paulo: Fapesp, 2007.
- CUNHA, Maria Teresa Santos. Armadilhas da Sedução – Os Romances de M. Delly. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade vol. 3 – O cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Graal, 2003.
- LE BRETON, David. Antropologia do Corpo e Modernidade. Petrópolis: Vozes, 2011.
- MCROBBIE, Angela. Post Feminism and Popular Culture: Bridget Jones and the New Gender Regime. In: MCROBBIE, Angela. *Post Feminism and Popular Culture*. Feminist Media Studies 4, 2004. Disponível em: http://www.sagepub.com/upm-data/23586_02_McRobbie_Ch_01.pdf
- MEIRELLES, Simone. Romances com coração: leitura e edição de romances sentimentais no Brasil. Curitiba, 2008. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Paraná.
- MEYER, Marlyse. Caminhos do Imaginário no Brasil. São Paulo: Edusp, 1993.
- MORAES, Joana de Vilhena. O Intolerável Peso da Feiura: Sobre as Mulheres e Seus Corpos. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- WATT, Ian. A Ascensão do Romance. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.